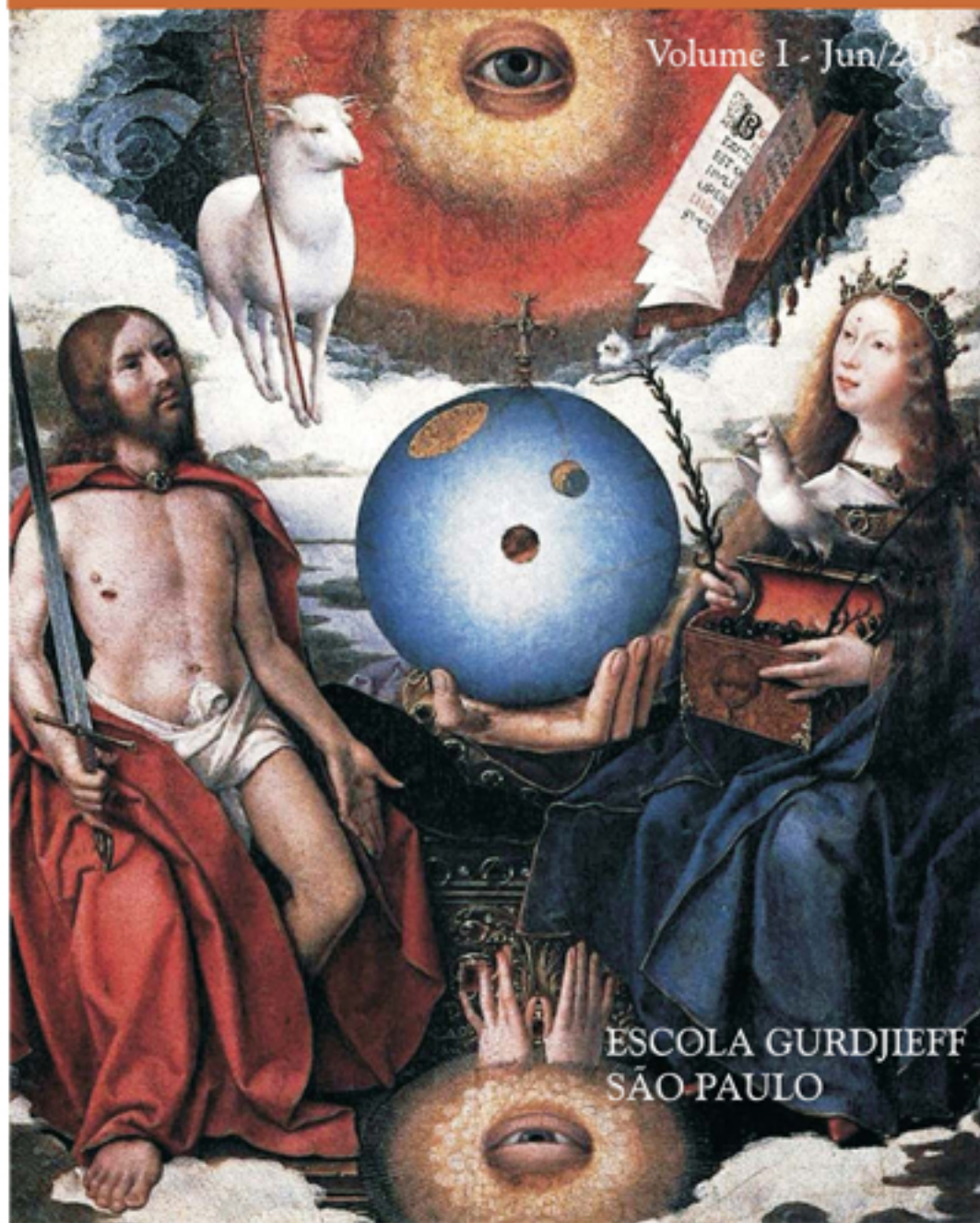


# FRAGMENTOS DE ESTUDOS SIMBÓLICOS

Volume I - Jun/2018



ESCOLA GURDJIEFF  
SÃO PAULO

## INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade, procura-se passar o Ensino através da linguagem simbólica, algo que toque diretamente o sentimento, sem passar pelo crivo da nossa mente ordinária.

Esse Ensino perpetua-se em muitas tradições até chegar a nós, vindo saciar a sede de Conhecimento que assola nossa alma.

Nos últimos anos, a Escola Gurdjieff São Paulo, através dos mestres Paulo e Lauro Rafal, tem trabalhado nessa direção, ajudando nosso sentimento mais profundo e nossa mente mais alta a decifrar os enigmas escondidos em símbolos tradicionais.

Este livreto é a primeira parte de outras que virão. Nele, estão contidas de forma sintetizada muitas das nossas reuniões que, com o auxílio da Graça divina, puderam nos elevar muito acima dos nossos afazeres cotidianos e saber corriqueiro.

Os temas nele tratados, altamente significativos para o nosso Ser, estão longe de se esgotarem nesta publicação. As chaves aqui contidas de forma breve permitirão que essas tradições, conforme sua intenção inicial, nos toquem intimamente, preparando-nos a receber outras que virão em futuro próximo.

As três Virtudes Teologais, um dos temas desenvolvidos de forma preliminar neste livreto, está sendo matéria de estudos contínuos e aprofundados que serão objeto de publicações posteriores.

Nosso mais profundo agradecimento aos mestres Paulo e Lauro Rafal que, incansavelmente, têm se aplicado no sentido de compreender e nos apresentar esse saber valioso.

Alunos da Escola Gurdjieff São Paulo

## ÍNDICE

|                                                               |    |
|---------------------------------------------------------------|----|
| As quatro Virtudes Cardeais e as três Virtudes Teológicas ... | 4  |
| Os dois princípios fundamentais do universo .....             | 16 |
| O Aqui-Agora .....                                            | 24 |
| O caminho do Aham .....                                       | 39 |

Capas:

Allegory of Christianity - Jan Provoost –1515

O carro de Saturno

Hércules e a Corça de Cerineia

Hércules e a Hidra de Lerna

A feiticeira Circe envenena os companheiros de Ulisses –

Alessandro Allori - (1580)

## AS QUATRO VIRTUDES CARDEAIS E AS TRÊS VIRTUDES TEOLOGAIS

Na tradição ocidental, que vai da Grécia de Platão até perto do ano 1500 DC, os métodos de florescimento do Ser baseavam-se nas quatro Virtudes Cardeais ou Cardinais que são: a Prudência, a Justiça, a Força e a Temperança. Mas foi a Igreja Apostólica Romana que as divulgou com mais afinco. O conceito teológico delas aparece inicialmente em Platão, mas foi adaptado por vários santos da igreja católica como Santo Ambrósio de Milão, Santo Agostinho de Hipona e São Tomás de Aquino.

Segundo a Igreja Católica, as quatro Virtudes Cardeais são perfeições da inteligência e da vontade humanas para regular os nossos atos e ordenar as nossas paixões segundo os princípios da razão e da fé.

Como testemunho de sua importância, vamos encontrar, em diferentes épocas, túmulos de reis em que elas aparecem nos quatro cantos, cada uma com sua própria iconografia.



*Tumba de Sir John Hotham na igreja de Santa Maria, South Dalton, East Riding of Yorkshire*



*Esfinge de Guizé - Egito*

A figura da Esfinge, que aparece no Egito e em outras tradições, simboliza a Consciência e é uma homenagem a essas quatro Virtudes.



*Prudência - Lambert Lombard - 1557*

Vamos fazer aqui um pequeno resumo do significado de cada uma delas e indicar como podemos trabalhá-las dentro do Ensino gurdjieffiano.

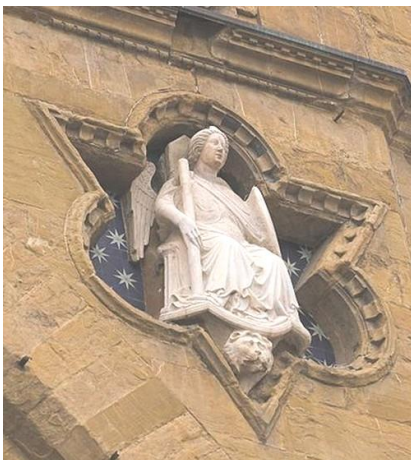
A primeira Virtude Cardeal é a Prudência, ou “Sapientia”, que em latim significa Conhecimento ou Sabedoria. É considerada a virtude-mãe, porque conduz a todas as outras. Segundo a Igreja Católica, essa virtude dispõe que “a Razão deve examinar as circunstâncias para a escolha do melhor caminho na busca dos

meios para atingir o Bem”. No Ensino gurdjieffiano, podemos identificá-la no livro *Do Todo e de Tudo* de autoria de G. I. Gurdjieff quando ele trata do *Despertar do Pensar*. No primeiro capítulo desse livro, ele coloca por terra todas as nossas formas habituais de pensar, fazendo-nos sair do automatismo com que compreendemos as coisas, as pessoas e o mundo, e que nos foi transmitido por nossos antepassados desde épocas remotas, para instruir-nos a “pensar por conta própria”, ou seja, através da Consciência.

A segunda Virtude Cardeal é a Justiça. A Igreja trata essa virtude como a “constante e firme vontade de dar aos outros o que lhes é devido”. Podemos identificá-la no Ensino gurdjieffiano quando ele fala em “consideração exterior”, que significa basicamente nos colocarmos no lugar do outro em nossos relacionamentos. Isso evita que sejamos injustos. O personagem principal de seu livro *Do Todo e de Tudo* é expulso do lugar elevado que ocupava no universo porque foi imprudente e injusto. No caminho do crescimento interior é preciso que equilibremos os nossos centros mental, emocional e físico para não sermos imprudentes e não cometermos injustiças.



Justiça – Tarô de Mantegna



Força - Fachada Loggia dei Lance  
Florença

A terceira virtude Cardeal é a Força. A Igreja diz ser ela que “assegura a firmeza nas dificuldades e a constância na procura do Bem”. Gurdjieff trata dela como o esforço e a disposição de lidar com a Vida e de trabalhar-se interiormente. Quem é fraco diante da vida, ou seja, que não tem força para lutar pela própria sobrevivência, também é fraco para se trabalhar interiormente. Um bom exemplo dessa virtude

está na figura do “Obivatel” que aparece no livro *Fragmentos de um Ensino Desconhecido* de autoria do seu discípulo P. D. Ouspensky. O Obivatel é um homem que pode ser tido como um bom patrão ou alguém que trabalha e vive bem com sua família, por exemplo. Tendo cumprido suas funções ao lidar com a vida, pode dedicar-se ao trabalho interior.

A quarta Virtude Cardeal é a Temperança. A Igreja chama-a também de Moderação porque diz que é ela que “modera a atração dos prazeres, assegura o domínio da vontade sobre os instintos e proporciona o equilíbrio dos bens criados”. Sendo mais sutil que as outras



Temperança - Fachada Loggia dei Lance  
Florença

três, essa virtude pode ser identificada no trabalho gurdjieffiano como aquela que faz o casamento entre Consciência e Energia, entre Consciência e Sensação do corpo. Quando Consciência e Energia se casam, há Temperança e, portanto, não há desperdício de energia, essencial para nosso desenvolvimento interior.

As quatro Virtudes Cardeais permitem uma disciplina de alta qualidade, mas têm um alcance limitado uma vez que, como usualmente entendidas, são apenas uma filosofia para agirmos no mundo de forma adequada.

Na forma como foram divulgadas pelo Ensino gurdjieffiano, as quatro Virtudes Cardeais nos alimentam e induzem ao que ele chama de Lembrança de Si, ou seja, à lembrança da nossa origem Divina.

Vamos agora tratar das três Virtudes Teológicas – Fé, Esperança e Amor –, pouco mencionadas pela Igreja Católica a não ser por São Paulo que as trata em sua obra. Gurdjieff aponta para elas como não pertencentes ao plano comum da existência: são características da nossa Alma ou do nosso Verdadeiro Eu.

A primeira delas, que trataremos aqui por meio de vários símbolos, é a Virtude da Esperança. Há duas formas de conhecimento: uma através do mental, que recorre ao que temos de informação, e outra mais profunda, que vem do esvaziamento de informações. Esse plano fica muito acima do mental e pode nos levar a acessar todo o conhecimento profundo sobre o homem e o universo que ele habita. Esse Conhecimento advém do plano infinito do Ser.



*Fé, Esperança e Amor – Gravura Maçônica*

Como base para examinarmos a virtude da Esperança, vamos observar primeiramente a carta XX do Tarô de Marselha:

Em primeiro lugar, nota-se a bandeirola com a cruz, saindo de um plano altíssimo, celeste. Nota-se ainda um personagem emergindo do túmulo e outros dois à sua volta.

Essas três pessoas estão com as mãos postas em oração e olham para cima como sinal de Esperança. Se você tratar a Esperança apenas com o mental mundano, a sua esperança será apenas para as coisas mundanas. Afinal, o que é a Esperança de que estamos tratando aqui? Esta carta representa o estado de um mental esvaziado, voltado para o Mais Alto, podendo, como uma antena, receber respostas vindas deste Plano Superior. Não vivemos sem Esperança e se a tocarmos conscientemente, receberemos instruções oriundas do mais profundo de nosso Ser.

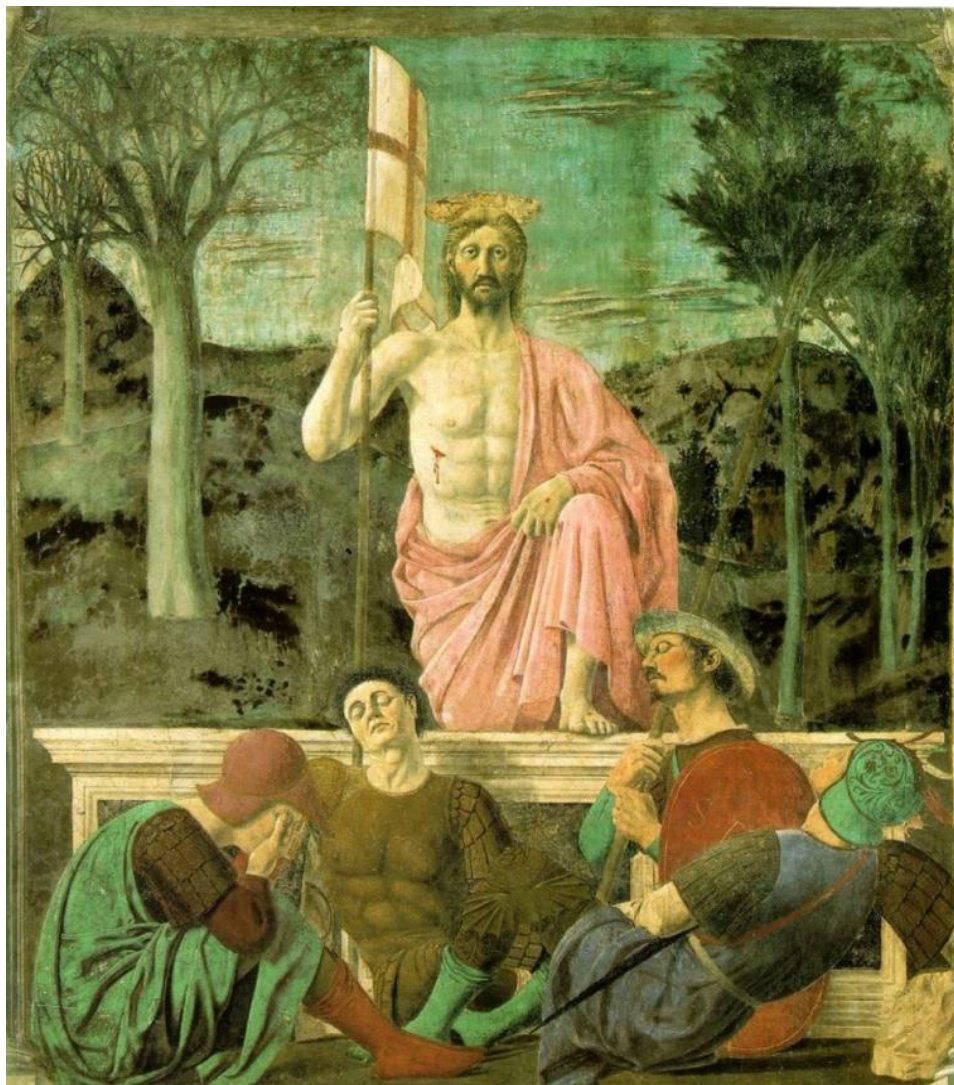
A mais excelente das Esperanças é a de nos reconectarmos com o lugar de onde viemos; é a volta à Casa do Pai. Uma das respostas que veio para uma pessoa, durante a reunião do exame desta carta, foi a de uma rosa em cima da cabeça abrindo-se para o alto. Na carta acima, o personagem que sai do túmulo tem uma tonsura na cabeça que se abre como se fosse uma rosa. Essa resposta tem um alto nível, porque, em geral, diante dos problemas da vida, não nos abrimos para o Alto, como essa rosa que se abre para cima. E é só do Alto que podem advir as respostas justas.



Tarô de Marselha - Grimaud

Na iconografia cristã, o Anjo Gabriel é o Anunciador. Gabriel significa “a força de Deus”. Quando nos abrimos para o Alto, recebemos a Força Divina. A Esperança, portanto, se refere ao contato possível com essa Força. O Anjo é o anunciador do contato possível com o plano Mais Alto.

Para continuarmos a examinar esta virtude teologal, vamos utilizar a pintura denominada *A Ressurreição*, uma joia da tradição esotérica. O pintor Piero dela Francesca é um italiano do *Quattrocento*, nome dado à segunda fase do movimento Renascentista italiano. Vemos nela a figura de Cristo saindo do túmulo. Notamos também uma bandeira com a cruz. Isso mostra que nesse período havia escolas de sabedoria interior.



*Ressureição - Piero della Francesca - 1465*

O que simbolizam os 4 homens adormecidos ao redor do túmulo? Os 4 elementos. Somos prisioneiros dos 4 elementos, que pertencem ao mundo do adormecimento, ao mundo material. O Cristo é a quintessência, o espaço vazio dentro do qual se dá a manifestação. A quintessência é espaço. É o lugar do despertar. Ressuscitar significa sair do círculo de ferro dos 4 elementos. Todas as vezes que tocamos o espaço livre dentro de nós, estamos ressuscitando, despertando. Esvaziamento é espaço livre. Daí a nudez do Cristo. A ressurreição se dá quando há o esvaziamento de conceitos, da nossa autoimportância e crenças. É quando tocamos o Silêncio, a Calma. A nudez do Cristo simboliza o espaço em branco. Só Cristo levanta a bandeira da cruz. Isso significa que só estabeleço a cruz interior quando me elevo, quando faço o vazio dentro de mim. Nessa figura, Cristo é rei do mundo, dos 4 elementos. É o que venceu a Morte.

Morte, nesse contexto, significa ficar preso às coisas da vida, às nossas crenças, às nossas preocupações. Ser cristão significa verticalizar-se, ir para o espaço vazio. É perceber a falta de importância dos fatos da vida. É só através do esvaziamento que tocamos a Esperança.

Na figura, Cristo está com o rosto sereno, confiante. Ele domina tudo. A posição do seu braço sobre a perna é de total relaxamento. Ele encarna a Luz. Quando nos esvaziamos encarnamos a Luz. O esvaziamento é um antídoto ao ego. Só assim podemos renascer. A ressurreição pode ser promovida a qualquer momento do dia.

Cristo é o centro do quadro e tem uma atitude de desafio. Ele está desafiando o adormecimento. A atitude dele é de completa confiança no vazio, no quinto elemento. O Agora que ele representa é algo diverso dos 4 elementos. A roupa dele está no braço esquerdo, o lado do coração. Sua roupa é rosada, uma mistura de vermelho, a cor de sangue, com o branco que representa a Luz. Isso significa que o emocional dele está purificado.

A ideia do esvaziamento inclui a purificação do emocional, trazendo como consequência firmeza e verticalidade. E da mesma forma que Cristo, assumimos uma posição vitoriosa sobre a vida. Ele saiu do medo e se afirmou como vencedor.

Cristo é o próprio chamado. O fato de empunhar a bandeira mostra que ele é um “avatar” do anjo Gabriel. No hinduísmo avatar significa a descida de um ser Divino à Terra de forma materializada. Cristo representaria, neste caso, a materialização do Anjo Gabriel.

A ferida que aparece quando ele é lancetado na cruz está na altura do plexo solar, indicando que nosso plexo tem de ser trabalhado. O plexo é nosso centro emocional. Cristo é um vitorioso sobre todas as coisas mundanas. Ele tem uma altivez oposta à autoimportância. Na vida, andamos de cabeça baixa, oprimidos pelos governos, familiares, obrigações sociais, etc. Estamos presos à carne, ao sangue, à respiração e ao calor da vida. Estamos presos ao corpo, que é um túmulo. Mas o corpo existe na quintessência, no Espaço.

Cristo é o Lingam e os 4 elementos são a Ioni, os símbolos hindus que significam respectivamente Consciência e Energia. Sem ele, os quatro elementos estão mortos. A quintessência, o

Espaço, dá Vida aos elementos. Se não houver o recolhimento, a presença do *Aham*, o nosso verdadeiro Eu, todo o resto está morto. Quando somos escravos do corpo, estamos adormecidos. Nossa natureza é Espaço. Cristo faz jorrar a Vida.

A cruz é o casamento dos 4 elementos atravessados pela quintessência que é o Espaço. Buscar esse Espaço é um guia prático para o trabalho interior. Habito um corpo, mas posso me lembrar todos os dias da quintessência. Temos que empunhar a bandeira da verticalidade no mundo, assim estaremos vivendo a verdadeira Esperança.

Continuaremos a examinar as três virtudes teologais em publicações posteriores.



*Sepulcro da família Girona no claustro da catedral de Barcelona – Manuel Fuxá*

## OS DOIS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO UNIVERSO

Para termos a compreensão do que é habitualmente o ser humano e como ele pode evoluir, vamos tentar compreender em profundidade o simbolismo da âncora com a corda.

Podemos comparar o ser humano a esta imagem da âncora. A cabeça humana equivale ao aro de cima, a coluna, ao eixo, e a meia-lua, a base da âncora, equivale ao quadril humano. Isso nos faz lembrar a figura do caduceu.



Nesta figura, as duas serpentes simbolizam a subida equilibrada da *kundalini*, como os hindus chamam a Energia de Vida. O uso correto dela, ou seja, a subida harmônica da *kundalini*, é fundamental para o florescimento interior do ser humano.



Em primeiro lugar, é preciso compreender concretamente o que é a Energia de Vida e como ela atua em nós. É dela que tudo verte. É ela que nos move, que nos faz pensar, sentir, andar, comer, dançar, trabalhar, e assim por diante.

Sem ela estaríamos mortos, pois é

a gasolina que faz nosso motor andar, se nos compararmos a um veículo automotivo.

Voltemos agora à imagem da âncora. Quando a corda da âncora, que corresponde à Energia Vital, não está enrolada de forma harmoniosa em torno do nosso eixo central, da nossa coluna vertebral, ou seja, quando agimos inadvertidamente na vida, com nossa atenção voltada exclusivamente para o mundo exterior, nossa energia se derrama. Em geral, tudo o que o ser humano faz na vida, o faz de forma a desperdiçar sua Energia Vital. Ela é derramada diariamente, em cada ato que fazemos, porque não a conhecemos. Geralmente, os homens são tão ignorantes a respeito dela quanto um carro que, não podendo ver o seu motor, acha que é sua lataria que o faz andar.

Os jovens, que se sentem absolutamente donos de sua vida, agem como o Filho Pródigo da parábola dos Evangelhos, que gasta todo o seu dinheiro em coisas inúteis até ir viver no meio dos porcos. E a grande maioria dos mais velhos age da mesma forma. Quando adoecem ou envelhecem não percebem que é ela que lhes está sendo retirada. É impressionante quanto se gasta de energia assistindo a uma partida de futebol, a uma corrida de Fórmula 1, aos Jogos Olímpicos, ou simplesmente falando coisas inúteis no celular ou nas redes sociais. Isso porque a humanidade toda fica grudada nos assuntos do mundo exterior o dia inteiro. Quanto desperdício! Não nos damos conta de que dormimos para recompor a energia que gastamos desvairadamente durante nosso estado de vigília e só percebemos a importância da nossa plena vitalidade quando adoecemos ou envelhecemos. Podemos, então, nos dar conta de que é ela que faz tudo. É uma Graça que recebemos, e que, com o passar do tempo, vai fenecendo. Se pensarmos dessa

forma sobre a Energia de Vida, iremos reinterpretar todos os nossos atos e os dos nossos semelhantes.

Nessa altura, vocês devem estar se perguntando: “Mas como posso economizar minha energia, vivendo num mundo cheio de atrativos como o de hoje? Tenho de largar tudo e me retirar para as montanhas”? Absolutamente não! Você pode exercer qualquer atividade neste mundo sem desperdiçar sua Energia Vital, desde que tenha o foco de sua Atenção voltado *também* para você mesmo. Por exemplo, você pode estar lavando um prato e, ao mesmo tempo sentindo os odores à sua volta, a água escorrendo por suas mãos, ouvindo os ruídos produzidos no ambiente e etc. em vez de ficar divagando sobre outros assuntos, ou reclamando internamente de ter de executar aquela tarefa. Lavar pratos com atenção significa recolher sua energia, dessa forma, ela não mais se derrama e se verticaliza. Este é apenas um exemplo. Os órgãos dos sentidos são nossa ligação com o mundo exterior. Mas eles podem estar voltados para fora e para dentro ao mesmo tempo. Isso acontece quando você não fica grudado apenas no que se passa exteriormente. Recolher sua Atenção significa não a deixar dispersa no mundo e dessa maneira sua energia vai se verticalizar naturalmente. Nesse sentido, os hindus se enganam, quando propõem exercícios específicos para forçar a subida da *kundalini*. Não há necessidade disso; basta recolher sua Atenção que sua energia vital (*kundalini*) vai segui-la de forma natural.

A figura da âncora com a corda representa a subida harmoniosa da Energia Vital até a cabeça, por isso, na imagem, a corda está amarrada ao aro da âncora, que representa nossa cabeça. Em outras palavras, podemos dizer, de acordo com a tradição

hindu, que Shakti (a Energia Vital) segue Shiva (a Consciência). Para dizer a mesma coisa, a Bíblia diz: “Onde está seu coração, está o seu tesouro”. São formas diversas de expressar a mesma Verdade.



*Shiva e Parvathi – Templo Hoysaleswara - Índia*

Por que isso não acontece para 99,9% da humanidade? Porque a grande paixão dos homens são os negócios, a política, os esportes, etc. Eles não se interessam pela vida espiritual, pelo florescimento interior. A Atenção da grande maioria da humanidade vai para o mundo exterior e a Energia Vital a segue, escorrendo diariamente para fora, em sua totalidade.

Energia e Consciência são dois princípios fundamentais do universo. São como o DNA que permeia todo o universo.

Vamos examinar agora outro símbolo que representa esses dois princípios. Na figura abaixo, vê-se um símbolo da tradição hindu, o Lingam, o pênis ou o princípio masculino, que simboliza a divindade Shiva (a Consciência).

O Lingam, neste caso, está inserido num quadrado, que



*Lingam – Museu Nacional do Camboja*

representa Ioni, a vagina, o princípio feminino, símbolo da Energia Vital. O Lingam (Shiva) e a Ioni (Shakti) simbolizam os dois princípios fundamentais do universo. A imagem desta figura é uma fonte que verte água, símbolo da Vida. Isso significa

que a união de Shiva com Shakti produz Vida. Nos rituais, o sacerdote que conduz a cerimônia despeja água ou leite em cima do Lingam que escorre e é captado na Ioni. Os princípios masculino e feminino são a essência do universo. O Lingam, com seu topo curvo como a abóboda celeste, representa o Céu, a Consciência, e a Ioni, o quadrado, representa a Terra, a receptividade, a fecundidade, a Energia Vital.

O universo todo é constituído por esses dois princípios. No corpo humano, podemos dizer que nossa cabeça representa o Céu e nossa bacia, a Terra. Quando unimos esses dois princípios dentro de nós, nasce no peito uma terceira força, o Amor.

Existe ainda representações do Lingam que lembram uma lâmpada. Todo castiçal é símbolo de um Lingam. Nesse ponto muitas tradições se aproximam, o Lingam hindu, o castiçal cristão e a *menorah* judaica.

Nas *Mil e Uma Noites*, a “História de Aladim e a Lâmpada Mágica” está falando do símbolo do Lingam, uma vez que a lâmpada de Aladim é muito semelhante ao Lingam da tradição hindu.



*Lingam - Templo Vaidyeshvara – Talakadu - Índia*

Na lâmpada de Aladim, o Lingam é o fogo, o princípio masculino, e o óleo, a Energia de Vida, o princípio feminino. O fogo sai pela ponta do Lingam da lâmpada. O óleo da parte de baixo é que vai acender a lâmpada e mantê-la acesa. Na história de Aladim, o feiticeiro diz a ele: “... Desce ao fundo

desta abertura na terra, passe por todos os lugares cheios de tesouros e belezas e vá buscar uma lâmpada de cobre acesa, que está acima de um pedestal de bronze; apague sua luz, derrame o azeite que ela contém no chão e esconda-a no peito; traga-a para mim, pois ela é a causa da nossa riqueza e de nossa glória no futuro”. Por que o feiticeiro manda Aladim derramar o óleo da lâmpada? Porque ele quer a nossa Energia Vital só para ele. Todos os dias, entregamos ao “feiticeiro” toda a energia vital produzida durante o sono profundo da noite anterior. Por isso, nada sobra para acendermos a lâmpada dentro de nós. O feiticeiro é nosso “ego”, nossa persona, que perdido nos afazeres da vida, rouba toda a nossa energia vital, derramando-a no chão. Sem ela, o Lingam não acende, ou seja, o ego não permite que a lâmpada se acenda para iluminar e aquecer nosso caminho na vida. Em outras palavras, para quem não une esses dois princípios básicos do universo dentro de si, toda a Energia Vital vai ser derramada no chão, na luta pela sobrevivência, não sobrando nada para subir até os centros superiores.

Quais são as instruções práticas que podemos tirar de tudo isso? Como preservar a energia de vida para que ela não seja desperdiçada em nossa luta diária pela sobrevivência? A resposta está na Atenção, é ela que vai permitir que nosso óleo não seja derramado sobre a terra. É preciso que nossa Atenção não fique voltada unicamente para o mundo exterior. Quando nos recolhemos, colocando a Atenção em nosso corpo, a sensação que advém daí faz com que a energia suba pela coluna, acendendo o fogo da Consciência. Só há confusão quando Consciência e Energia Vital ficam divorciadas dentro de nós, por isso, todos os males acontecem. A solução para qualquer problema que surja em nossa vida, por mais insolúvel

que possa parecer, é fazer o casamento entre esses dois princípios dentro de nós. Em toda situação desarmônica há esse divórcio. Se houver o casamento entre as duas, aparece um fogo que não nos consome. Ele permite que o Silêncio desça, fazendo com que a situação se ilumine. Para isso, é preciso que nosso barco esteja bem ancorado. Sem a âncora, o barco fica à deriva. A âncora tem de estar presa ao barco, senão ela fica sem função.

O Lingam deve estar perfeitamente fixado na terra, que funciona como uma âncora. Quando a Atenção focaliza a sensação, ela acende a Energia de Vida. Acender o fogo significa fazer com que a Consciência penetre a Vida. A verdadeira virilidade não está relacionada ao desempenho sexual, a façanhas sexuais; ela aparece quando há a penetração da Consciência na Energia de Vida. Lingam e Ioni juntos produzem Amor. Para que nasça o verdadeiro Amor dentro de nós, temos de fixar nossa Atenção, permitindo assim que ela se ancore na Energia de Vida. Voltando à figura da âncora, vemos que a corda sai da parte de baixo da âncora (bacia), se envolve no eixo dela (coluna vertebral), subindo até a parte superior (cabeça).

A âncora com a corda enrolada em seu eixo é a base do verdadeiro Amor.

## O AQUI-AGORA

Muito se fala do “Aqui-Agora”, mas antes de procurarmos aprofundar essa questão, precisamos questionar o que significa “estar no Agora”.

Para esclarecer esse assunto, vamos tomar por guia três atributos fundamentais de Brâman, a Realidade Suprema, que aparece no antigo ensinamento Vedanta, uma tradição espiritual da Índia. Vedanta significa “a meta de todo o conhecimento”, que seria o estado de auto-realização ou de consciência cósmica. A linguagem utilizada no Vedanta é o sânscrito védico, a linguagem dos Vedas, os textos religiosos mais antigos do hinduísmo. O Vedanta caracteriza Brâman com a palavra sânscrita composta “Sat-Chit-Ananda”, que pode ser traduzida por:

Sat – Existência

Chit – Consciência

Ananda – Beatitude

Sat é aquilo que nunca muda. É nossa Essência pura e eterna.

Quando olhamos uma fotografia nossa antiga, podemos constatar que mudamos muito. É inegável que nosso aspecto físico muda e que nossa fisiologia interna também muda. Nada disso é perene. Ora, tudo que não é perene, não pode ser tomado como realidade. Só é real aquilo que não muda. Se observarmos também nossos pensamentos e emoções, iremos verificar que estão em constante mutação e que, portanto, também não constituem uma realidade.

Se passarmos pela experiência de ficar, por instantes, longe dos nossos pensamentos e emoções, veremos que nos sobra uma única certeza: Eu existo. E se voltarmos a Atenção para o corpo, essa certeza virá com a sensação viva do corpo. Podemos, nessa hora, sentir o pulsar da Vida dentro de nós, a nossa circulação sanguínea, nossa respiração, até mesmo nossos órgãos internos. Os limites do corpo se ampliam a ponto de nos sentirmos bem maiores do que ele.

Isso porque a Consciência (Chit), o segundo atributo de Brâman, reflete Sat em sua totalidade. Nessa hora, a Consciência se unifica com a Vida, ou seja, com “Aquilo que nunca muda”. Temos então a experiência direta da Vida, da Existência em nós. E quando juntamos esses dois princípios de Brâman, Sat e Chit, aparece o terceiro, Ananda, que significa



Alegria, Beatitude, Bem-aventurança, Êxtase, Felicidade. É essa qualidade de Brâman que nos faz experimentar a Plenitude da Vida.

É importante esclarecer que a experiência de Brâman não pode ser atingida pelo pensamento; só pode ser captada pela experiência direta, como acabamos de descrever. Ler ou estudar sobre Brâman sem passar pela experiência direta não leva a nada.

Mas não é só quando nos recolhemos em nossos aposentos para unir esses princípios divinos que essa experiência acontece, embora o que chamamos de “prática na calma” seja fundamental para podermos aplicar na vida diária esses princípios.

O “Agora” acontece na experiência direta que se dá quando unimos os três princípios descritos dentro de nós e pode ser experimentado muitas vezes no dia. Há vários relatos a respeito.



*Templo de Luxor - Egito*

Uma experiência, relatada por uma aluna, aconteceu por causa de um filhote de pomba que caiu no quintal dela. Ela nos contou que todos os dias a mãe descia até seu quintal para alimentar o filhote, até o dia em que ela ficou num lugar alto, esperando que o filhote voasse até ela. Ele, então, foi subindo de andar em andar até chegar onde a mãe estava. E esta aluna nos contou que nessa hora ela sentiu um momento de pura Alegria, de Felicidade e Plenitude. Por que isso aconteceu? Porque ela estava contemplando a Existência. Os animais nos tocam pela singeleza e sabedoria da Vida que se manifesta neles. Através da contemplação, onde não entram pensamentos e emoções, foi possível sentir o maravilhamento diante da Vida e ter a experiência do Agora.

Outro aluno relatou que o que o impede de estar no Agora é o problema da concórdia e da discórdia. Quando estamos na discórdia, estamos em nosso ego, na nossa persona, e por isso, criticamos tudo e todos que estão à nossa frente. Ambas as palavras têm a raiz “core”, coração, e significa estar de acordo, ou melhor, com o coração junto ao do outro. Se colocarmos a Atenção no momento em que estamos diante de alguém, sentindo, por exemplo, nossos pés no chão ou nosso ventre, e abrindo nosso coração para ouvir o outro, sem deixar que pensamentos de crítica entrem em nossa mente, estaremos num instante de Agora, porque também nesse caso estaremos unindo esses três princípios dentro de nós.

Como dissemos no começo deste artigo, a meta de todo Conhecimento deve ser o estado de auto-realização, que só pode ser alcançado na experiência do Agora.

No dia a dia, o que mais nos afasta da experiência do Agora são nossos pensamentos flutuantes, fincados no passado e no

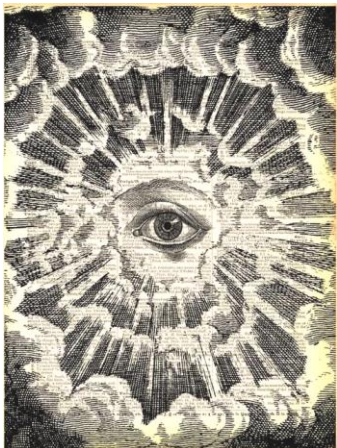


*Deus Janus - Sebastian Münster - 1550.*

futuro. Os pensamentos referentes ao passado poluem a presença do Agora, porque somos lançados para fora, o que nos torna escravos do mundo. Quando praticamos o mergulho para dentro de nós mesmos, aumentamos nossa percepção interna e percebemos que o ser humano é muito mais complexo do que imaginamos. Constatamos que nosso corpo externo é visível, mas tem uma

parte interna invisível que o movimenta. Existe uma força que nos move, uma energia de vida que pode assumir várias formas. Se usamos essa energia para ficar mergulhados no passado, deixando, por conseguinte, de vivenciar o Agora, estamos colocando de lado uma importante fonte de riqueza. Muitas vezes, o Agora não é agradável, por isso queremos ficar longe dele. É essencial começarmos a apreciar o que o Agora traz.

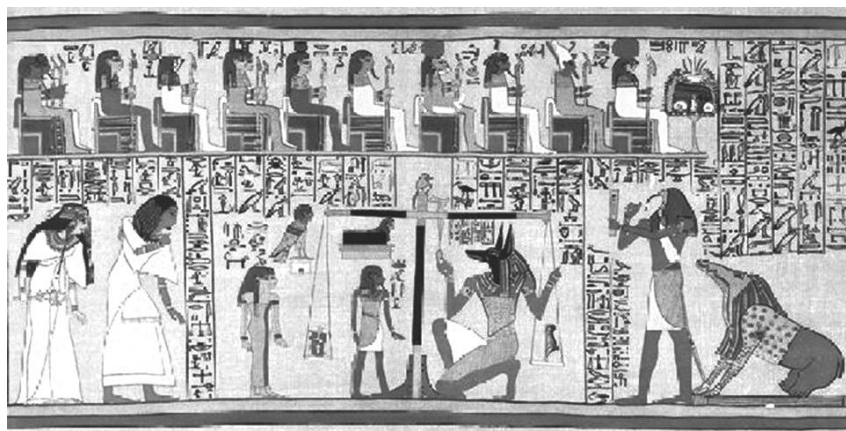
Às vezes, precisamos reexaminar experiências passadas, mas isso deve ser feito de uma maneira consciente, através de uma reflexão. No entanto, quando o passado se impõe a nós, ele bloqueia nossa vivência do Agora. Por exemplo, se ouço a sirene de uma ambulância, começo a fazer uma série de associações mentais que a ambulância me traz e me reduz a essas associações, fico afunilado nisso, deixando de viver plenamente a energia que está fluindo dentro de mim. Assim, me afasto da mina de ouro que é o meu Ser. Como filhos de Deus, temos um potencial enorme de desenvolvimento interno, de nos tornar mais humanos. Esse reexame pode ser feito através de uma reflexão sobre as mais diversas situações, vendo cada uma delas por vários ângulos. Não ficamos mais simplesmente associando, lançando a culpa de tudo que acontece nos outros. Ficamos mais imparciais porque nossa inteligência passa a ver aspectos que não víamos antes. Muitas vezes, um problema de saúde, por exemplo, traz uma reação de revolta, mas o sofrimento com o problema é apenas um aspecto da verdade. Se percebo que um problema desse tipo traz uma possibilidade enorme de trabalho interior, passo a vê-lo de outra forma. Ele vai desenvolver no meu Ser uma capacidade enorme de suportar, de exercitar a paciência, por exemplo.



Qualquer situação é um estímulo para desenvolver um olhar para dentro, um olhar interno que tudo vê. Quando estou nas minhas associações, fico me debatendo com as emoções que elas despertam em mim. Se aprendo a resistir aos pensamentos do passado, às associações, permito que o “Percebedor interno”, que também pode ser chamado de “Testemunha” ou de “Vedor”, perceba os fatos através dos órgãos dos sentidos, ou seja, pela visão, pelo tato, pela audição, pelo olfato, pelo paladar. Por exemplo, há emoções que são doces (paladar), outras são gritantes (audição), outras são ásperas (tato), e assim por diante. Dessa forma, começamos a perceber a pequenez humana que está em nós e no outro, compreendendo a realidade da condição humana. São poucos os buscadores que têm a possibilidade de enxergar a verdade sobre o ser humano.

Se houver uma espécie de “desidentificação” com o passado, um desgrude dele, estaremos mudando esse passado. Muitas coisas nos assustam porque as compreendemos de forma equivocada. Uma criança, por exemplo, que foi repreendida por seus pais, em geral, vai compreender mal a causa da repreensão. Se reflito sobre algo que está no meu passado com a compreensão que tenho hoje, isso trará um alívio muito grande em relação ao meu histórico de vida.

E o futuro? O futuro sempre angustiou a humanidade, mas há coisas que podemos prever e temos de tentar fazê-lo com muita precisão. Sem dúvida há uma participação muito grande do acaso em nossa vida, mas temos o vício de nos angustiar com o futuro. E isso não nos permite ficar no Agora, o que nos faz perder o contato com a Energia de Vida que nos alimenta. Tememos o futuro, por isso nos angustiamos com ele, mas podemos encontrar em nós mesmos recursos que nunca imaginamos.



*Papiro de Ani – Museu Britânico*

O maior medo em relação ao futuro é em relação à nossa morte. No entanto, morrer pode ser um grande alívio. Se morremos com medo de morrer, isso fará com que essa passagem seja muito mais difícil. Sobre esse assunto costumamos nos valer da mitologia egípcia, para exemplificar como é importante trabalhar nossos medos em vida. Maat, na mitologia egípcia, é a deusa da Verdade, da Justiça e da Retidão.

Como o coração humano simboliza os registros de uma vida, os egípcios da antiguidade diziam que essa deusa pesava o coração dos mortos. Dessa forma, medos, preocupações acarretadas pelo passado e pelo futuro, faziam o coração ficar pesado. Se o coração do morto pesasse mais do que uma pluma, era considerado indigno: seria devorado pela deusa Ammit e excluído do Aaru. Já os indivíduos de coração puro eram enviados para Aaru, que representava o Paraíso. Através desse mito, os egípcios nos ensinam que o passado e o futuro tornam nosso coração pesado, o que nos impede de viver e de morrer no Paraíso.

Se vivermos com medo do futuro, teremos uma vida muito infeliz. Como o grande medo do ser humano é em relação à perda do seu corpo físico, para trabalharmos o medo precisamos compreender quem somos de verdade, que não somos apenas um corpo físico. O ser humano é, basicamente, uma alma, uma finura que vem a este mundo e passa a habitar um corpo frágil, suscetível ao sofrimento e à morte. Daí nasce o medo. No entanto, quando nos dedicamos a práticas meditativas, começamos a enveredar por um caminho que vai em direção a essa alma que veio para cá. Nossa alma é solar, e é importante nos lembrarmos sempre da nossa origem solar, de voltarmos a ela, sem deixarmos de viver neste planeta. Nosso corpo continua a ser frágil, mas nossa parte mais sutil vai nos dar muita força para encarar nosso destino.

Este mundo é ilusório, mas ao mesmo tempo, nos dá a possibilidade de acordar para a realidade. A primeira coisa a fazer é compreender intelectualmente quem somos. Depois, pouco a pouco, implantar o conhecimento da Verdade em nossa vida. Para muitos, isso pode levar muito tempo. Mas é importante começar a perceber o jogo que nos mantém

hipnotizados. O nosso mental fala internamente o dia inteiro, seja sobre as questões passadas, seja sobre as preocupações futuras. O processo meditativo tem o poder de nos tirar do império do mental.

Na Ilíada de Homero, a mitologia grega relata a história de Circe, uma deusa ligada à feitiçaria que quer subjugar todos os homens para transformá-los em animais. Na Odisseia, o herói Ulisses e sua tripulação desembarcam na ilha de Eana, onde morava Circe, filha do Sol, e constataam que ela vivia



*A feiticeira Circe envenena os companheiros de Ulisses  
Alessandro Allori - (1580)*

rodeada de animais ferozes, homens que ela transformara em animais. Com a ajuda de Hermes (Mercúrio na mitologia romana), que lhe dá uma planta chamada Moli, Ulisses é capaz de resistir às bruxarias de Circe. A deusa Circe representa a força feminina do universo, a Energia Vital que habita nosso corpo. Nós também permitimos que Circe nos fascine. A vida exterior nos fascina, somos enfeitiçados por ela. Temos de invocar Hermes para que nos conceda a planta Moli, que nos ajudará a escapar dos domínios de Circe. Durante a prática meditativa, baseada na volta ao contato com a Energia Vital

que habita nosso corpo, podemos encontrar força para sair dessa hipnose. Ele corresponde à planta Moli, oferecida por Hermes a Ulisses, que lhe dá poder para escapar ao feitiço da deusa Circe.

Imaginamos o futuro através da memória passada. Mas os grandes inventores conseguem transpor essa barreira e criar uma coisa inédita. A repetição do passado é mortal, mas é possível escapar dela. E se resistirmos ao movimento que nos projeta para o futuro, estaremos criando a Vontade de não sermos subjugados por Circe, que nos prende ao passado e nos projeta em direção ao futuro.

Tanto o passado como o futuro estão em nós através dos pensamentos automáticos. O nosso grande objetivo deve ser o de resistir aos pensamentos. Um terrorista, por exemplo, é dominado por seus pensamentos obscuros. Já um político sueco da atualidade tem a intenção de servir ao seu povo. Uma inteligência fina pode nos libertar de pensamentos obscuros. Os pensamentos e a inteligência são filhos da Consciência. Nosso grande problema são os pensamentos automáticos. No entanto, é possível ter momentos de não-pensamento. Quando isso ocorre, abrimos uma porta para o Infinito. Se sou capaz de ficar sem as nuvens dos pensamentos, entro em contato com algo admirável. Não agimos de forma genuína, independente, porque agimos condicionados pelo passado. Agir de maneira mais genuína só pode acontecer a partir de um estado de não-pensamento ou de pensamentos não-automáticos. Dessa forma, nossas ações têm muita qualidade, porque deixam de ser consequência de experiências passadas e de preocupações futuras.

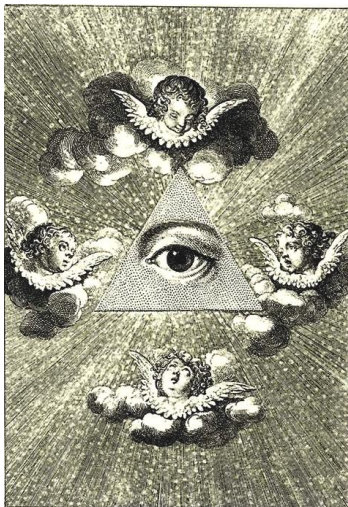
O fluxo ininterrupto de pensamentos me faz acreditar que sou esses pensamentos. Atribuo a eles minha identidade.

Identifico-me com eles, me confundo com eles. Todos os dias, acordamos com um fluxo de pensamentos que vieram do dia anterior. Acreditamos que somos nosso corpo, mas acreditamos muito mais radicalmente que somos nossos pensamentos. O terrorista, por exemplo, permite ser morto fisicamente, mas não abre mão de seus pensamentos, de suas crenças. Temos um problema de falsa identidade que alimenta nossos pensamentos. Os pensamentos automáticos constituem nosso ego, nossa persona. Tem um momento na vida que nossa persona é necessária para delimitar coisas que são fundamentais. Acontece que nos identificamos com os pensamentos que constituem nosso ego, porque o sucesso dele atrai a presunção de que “podemos fazer” e ele começa a se julgar um deus. Precisamos então nos livrar dele.

Não é verdade que não podemos agir sem pensamentos, como argumentam alguns. Sim, podemos agir a partir de uma inteligência fina, vinda do não-pensamento e que hoje é desprezada. Para isso, é preciso entender que nenhum pensamento é genuinamente nosso. Se limparmos o nosso mental falante, chegaremos à fonte dos pensamentos. Se refletirmos sobre isso, nos tornaremos candidatos a entrar em outra etapa da humanidade, uma vanguarda da evolução humana. Todo método meditativo existe para nos ajudar a sair dos pensamentos. Eles poluem nosso mental, que em sua fonte é límpido. Se deixamos de acreditar nos pensamentos, experimentamos uma grande liberdade em relação a eles. Cada mestre de trabalho interior expressa a necessidade de nos libertar dos pensamentos, propondo-nos uma forma de como fazê-lo. Buda, por exemplo, se recusava a falar sobre esse problema de forma teórica. Para ele, o que interessa é a prática. As pessoas costumam discutir teorias e dessa forma

eximem-se de esvaziar o mental. Colocar a atenção no corpo para senti-lo nos leva ao não-pensamento. Essa é uma das técnicas.

O grande objetivo de tudo que fazemos em nossa Escola é desenvolver o olho interno, o olho da Consciência. Temos de desenvolver esse olho interno, que não é deste mundo, e é capaz de ver que não somos nossos pensamentos. O olho sempre foi símbolo do Divino. Quando o desenvolvemos, nos aproximamos do Divino.



*Olho da Providência*  
*Daniel Niklaus Chodowiecki -1787*

Quando estamos no nível do olho da Consciência, podemos nos libertar do tempo, esse fantasma que nos assusta. Se não podemos deter a ação do tempo em relação ao corpo, podemos fazê-lo no nível

da Consciência. O tempo pode ser comparado a um rio que passa. Na mitologia grega, Reia (Cibeles na mitologia romana), é a mulher de Cronos (Saturno na mitologia romana). Como mulher de Cronos, ela representa o fluir do tempo. Podemos nos afogar nesse fluir, ficando vulneráveis a todos os acontecimentos da vida. Mas como humanos, temos a possibilidade de sair do rio da vida e ir para sua margem, para o Agora, que está fora do tempo. Começo então a me relacionar com Cronos e Reia de outra forma.

O tempo devora tudo e nos assusta. Ele nos traz muita insegurança. Mas quando saímos do seu domínio, ou seja, do passado e do futuro, nossa relação com ele muda. Ficamos mais estáveis, menos apavorados com o futuro e sofrendo menos com o passado. Se, por exemplo, fico contemplando o fluir de uma cachoeira, se dedico toda a minha atenção a essa contemplação, posso ficar sem a intervenção do mental. Nessa hora, experimento uma tranquilidade, uma calma, um estado de paz que não existe na linha do tempo.



*Cronos - Peter Paul Rubens, de 1636*

Numa primeira etapa do processo meditativo, percebemos as coisas que nos atormentam, pois está presente o olho da Consciência que tudo vê. Numa segunda etapa, descobrimos que é possível nos destacarmos do passado e do futuro, nos livrando de tudo que está no nosso mental. Todo o drama humano está nos registros mentais que nos condicionam. Através da meditação, do esvaziamento do mental, deixo de me identificar com esses registros e passo a viver um estado de liberdade jamais experimentado.

Para isso, temos de tomar consciência dos registros passados e usar a Vontade para escapar deles. Digo: “Eu não vou me grudar nisso”. Dessa forma, retiro todo o alimento que dou ao passado e ao futuro, não-realidades que devem tornar-se inexistentes para mim.

Por que o nosso mental quer ficar fixado no passado ou no futuro? Por que nosso mental automático não quer morrer e por que não queremos que ele morra? Porque nos identificamos com ele. Achamos que vamos morrer se ficarmos sem ele. Por isso, temos de nos conscientizar de que só o lado automático dos registros mentais – que acontecem sem que tomemos consciência deles – é que deve morrer. É preciso jogar a luz da Consciência sobre esse lado mecânico para desmoralizá-lo. Dessa forma, nos livramos dos traumas que nos marcaram como uma cicatriz.

Para evoluir, temos de “sentir”, tanto enquanto sentimento como enquanto sensação. O processo meditativo visa fazer a transição do fluxo mental, onde habitualmente residimos, para o coração e para o pulsar da Vida em nosso corpo. Entra-se, então, num estado supra-terrestre, fora do tempo. Nessa hora, experimentamos um estado de não-ego, de puro contentamento.

Temos de nos tornar reis e rainhas do Tempo, senhores do passado e do futuro. É esse o caminho da Liberdade, do encontro com a verdade da Existência em todo o universo. Voltando ao início deste texto, quando estamos no Agora, vivenciamos Brâman, a Realidade Suprema composta por Sat-Chit-Ananda, pois unimos Existência, Consciência e Beatitude.

Para encerrar, colocaremos aqui um belíssimo texto escrito e lido por Lauro Rafal nas reuniões da nossa Escola e que fala, de forma prática e poética, o que significa estar no Agora:

*“Ser é o grande milagre, apenas Ser. Não precisamos ser ricos para senti-lo, não precisamos ser famosos para experimentá-lo. Por que eu? Não há razão, não pedimos para ser. Herdamos, aconteceu, acontece. Dentro de si o milagre se dá continuamente. O mundo exterior, o maravilhoso, se mostra para quem se abre. É assim que o homem e a mulher de Atenção vivem, e tudo se desenvolve sob a lei da Consciência. Não é necessário subir o Everest, nem renunciar aos eventos do dia a dia. A praça ao lado de nossa casa está onde sempre estive, mas o lugar não é mais o mesmo, ele se alterou. A praça se torna maravilhosa com todas as suas imperfeições. O Everest está aqui. A montanha é um conceito e nada significa comparado à praça. A realidade do cotidiano se torna prenhe de extraordinária beleza. As mesmas árvores que antes víamos, mas não enxergávamos, esquecidos do Eu, agora florescem. Renascem em nossa Consciência com todas as suas cores e fragrâncias. A vida se torna colorida, tudo brilha e os sons nos tocam. As coisas e os seres são novos, acabaram de aparecer, vindos não se sabe de onde. Vemos tudo através do “telescópio” do não-mental, do Silêncio interior. O ego desaparece. Permitimos que a Luz e o Silêncio penetrem e tudo se transforma. O ego mantém o mundo velho, e o faz à sua imagem e semelhança, sempre criando formas repetitivas, mortas, que só existem na imaginação. O ego é a matriz que vive no passado e na expectativa do futuro, e não conhece o Agora. Deixe-o dissolver-se e verá o quanto este mundo se expandirá. Voltará a ser o Paraíso perdido. Adão se tornará Cristo. Tudo estará em seu justo e devido lugar”.*

## O CAMINHO DO AHAM

Buscar nossa verdadeira identidade, nosso Eu Real, foi o caminho seguido por vários mestres do trabalho interior, como Ramana Mahashi (1879-1950), por exemplo, um grande mestre da Índia contemporânea. Foi ele que transmitiu a antiga sabedoria do *Advaita-Vedanta* de uma forma nova, simples e clara, baseada em sua própria experiência, e tornou acessível ao homem contemporâneo essa via do Conhecimento. Aos 16 anos, teve a experiência profunda do seu verdadeiro “Eu” sem nunca ter recebido Ensino algum. Tornou-se instantaneamente um sábio e a partir daí permaneceu consciente da sua verdadeira identidade.

Georges Ivanovich Gurdjieff, em seu livro *Do Todo e de Tudo*, tratou da nossa verdadeira identidade quando estabeleceu a diferença entre essência e personalidade, esclarecendo que o homem tem um “Eu”, sua Essência, sua verdadeira identidade, e um outro lado que não é ele, sua personalidade, formada a partir do momento em que vem a este mundo e recebe as influências externas através do seu aparato terrestre, ou seja, dos centros físico, mental e emocional. A partir do nosso nascimento, todas as experiências pelas quais passamos neste mundo vão sendo gravadas nesses 3 centros, e pensamos, sentimos e agimos de acordo com o que está fixado neles. São esses dados que vão constituir a nossa personalidade. Mas a personalidade, com a qual vivemos identificados, não é nossa verdadeira identidade.

Essa questão da falsa identidade deve ser nossa indagação

fundamental nesta vida. Em nossa Escola, a partir de certas práticas, podemos constatar que não somos quem pensamos ser, ou seja, o que somos realmente não tem nada a ver com nosso nome, com o lugar em que nascemos, com nosso corpo, com o que pensamos ou sentimos diante dos fatos deste mundo através dos nossos 3 centros. Cristo já dizia: “Meu Reino não é deste mundo”. Só daremos um salto qualitativo, em termos da evolução do nosso Ser, se a questão “Quem sou eu”? ficar dolorosa para nós. Temos amortecedores tão fortes que não nos permitem sentir a dor de vivermos com uma falsa identidade. Passamos a vida como um paciente que se trata com um médico, usando apenas remédios paliativos, sem tratar da causa da doença, do que é essencial. Ou de quem descobre que tem pais adotivos e não conhece seus verdadeiros pais. Por isso, o problema essencial do ser humano deve girar em torno da questão “Quem sou eu”?

Vamos partir do princípio que o ser humano tem dois tipos de eu: o terrestre e o solar. Começemos por tentar entender a essência do eu terrestre. Por analogia, podemos entendê-lo através dos animais, que vivem sob os princípios da sobrevivência (comer e beber), da segurança (abrigo e proteção) e da reprodução (sexo). Devido a esses princípios que o dominam, os animais vivem sob a influência dos próprios desejos, incitados por essas três necessidades básicas. Como animais racionais, somos mais espertos, mas estamos no mesmo nível dos outros animais, pois basicamente sentimos desejo, raiva e medo. Isso é natural, pois, se o animal não tivesse raiva, não conseguiria predar; se não tivesse medo, não conseguiria proteger-se; e se não fizesse sexo, deixaria sua espécie extinguir-se. A mesma coisa se passa com o ser humano, porque a vida neste planeta determina que seja

assim, o que torna muito forte a pressão dessas três necessidades sobre nós. Se compreendermos isso, compreenderemos o eu terrestre do ser humano.

O segundo tipo de eu é o “Eu solar”, frequentemente ignorado pelos humanos. Basicamente o Eu solar é Luz, Vida e Beatitude, o que o torna oposto ao eu terrestre, movido apenas por suas necessidades. A nossa vida terrestre é precária, repleta de sofrimentos e doenças. Já o Eu solar ou Eu Real é vida plena, em toda sua pujança, portadora do sentimento de Amor, de uma fina Alegria, de Paz, Lucidez, Bem-estar e Compreensão. Como humanos, somos eu terrestre e Eu solar ao mesmo tempo, mas como vivemos identificados com o terrestre, ele acaba eclipsando o solar.

No livro *Fragmentos de um Ensino Desconhecido*, Ouspensky, discípulo de Gurdjieff, traça um diagrama em que fica claro como os que vivem identificados com seu eu terrestre, comandados por seus desejos, agem como autômatos.

Vemos claramente aí que o autômato vive sob a influência de desejos de todo tipo, produzidos mecanicamente, devido às suas necessidades digestivas, sexuais e de segurança. O autômato tem desejos produzidos no andar inferior do seu corpo, na sua parte ventral, e esses desejos comandam seus pensamentos e suas múltiplas vontades. Um exemplo bem corriqueiro e bastante óbvio disso é o de um homem que trabalha muito para comprar o último modelo de um carro caríssimo porque deseja, com isso, conquistar certa mulher, e não percebe que está sendo comandado por sua sexualidade, instalada no andar inferior do seu corpo. É o andar inferior que

comanda tudo. O ser humano não percebe esse fato, por isso, filosofa sobre o que chama de amor, fazendo da vida humana uma enorme mentira. A violência no mundo só pode acontecer através do eu terrestre.

Diagrama 1:



|                                                              |                                         |                                      |                                                              |
|--------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| Autômato que trabalha sob pressão das influências exteriores | Desejos produzidos por esse automatismo | Pensamentos provenientes dos desejos | Múltiplas “vontades” contraditórias produzidas pelos desejos |
|--------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------------------------------|

O segundo tipo de eu é o Eu solar, composto de Consciência (Luz), Vontade (amor à Verdade) e Vida. Vejam abaixo como Ouspensky apresenta o diagrama de quem vive conectado com seu Eu solar.

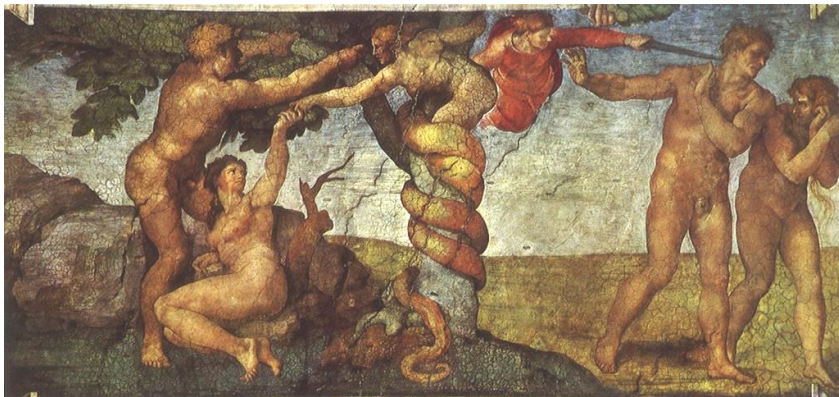
Fica claro no segundo diagrama que o homem que se trabalha interiormente, conectado ao seu Eu solar, passa a ser comandado de cima para baixo, ou seja, submete-se a uma Inteligência superior e a uma única Vontade: a de estar sempre em busca da Verdade.

Dessa forma ele se torna mais lúcido, mais fraterno, e tem mais vitalidade para agir não mais como um autômato, mas como um ser humano consciente de seu papel no universo.

Diagrama 2:



|                                                                       |                                                                    |                                                          |                                     |
|-----------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|-------------------------------------|
| Corpo que obedece aos desejos ou às emoções submetidas à inteligência | Forças emocionais e desejos que obedecem ao pensamento inteligente | Funções do pensar que obedecem à consciência e à vontade | Eu<br>Ego<br>Consciência<br>Vontade |
|-----------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|-------------------------------------|



*A Expulsão de Adão e Eva do Paraíso - Michelangelo - Capela Sistina 1512*

Nossa Escola de trabalho interior, para nos ajudar a nos conectar com nosso Eu solar, tem seguido o Caminho do *Aham*. Isso acontece a partir de práticas sonoras que incluem a vibração do *Aham*, uma palavra sânscrita sagrada. Diversas qualidades advindas com a vibração desse som Divino nos foram relatadas por alunos em nossas reuniões semanais. A partir desses depoimentos e de nossa prática pessoal vamos falar um pouco sobre o Caminho do *Aham*.



*Cúpula da Igreja de São Salvador - Museu de Chora - Istambul*

O primeiro nome de Deus é *Aham*, que significa Eu. Desde os primeiros anos de vida, nos referimos a nós mesmos com a palavra “eu”. Para tudo o que realizamos em nossa vida pessoal dizemos eu: eu casei, eu tive filho, eu construí, eu pensei, eu fiz, eu senti, etc. Por analogia, podemos afirmar que o universo começa por Eu, por *Aham*. Quando começamos a pronunciar a palavra *Aham*, em que *A* é Shiva, Consciência, e *Ham* é Shakti, Energia, sentimos que *A* vibra no topo da cabeça e *Ham*, no cóccix. Portanto, no corpo humano, esses dois princípios constitutivos do universo localizam-se nos dois extremos da nossa coluna vertebral. Naturalmente na cabeça também tem energia e no cóccix também tem consciência, porque esses dois princípios fazem parte da constituição do universo todo, mas os centros de gravidade desses dois princípios no corpo humano estão nos lugares mencionados.

Quando Cristo diz “Eu sou o Alpha e o Ômega” está falando disso. Krishna, no Bagavad Gîta, diz “Eu sou o Princípio e o Fim”. Eu é, portanto, o núcleo de tudo. O universo inteiro é constituído dessa forma. O bebê, por exemplo, não desenvolveu ainda o mental, porque o mental constitui-se de palavras e imagens, mas ele tem o sentido de “eu”. É a partir desse núcleo que o mundo dele vai se formando.

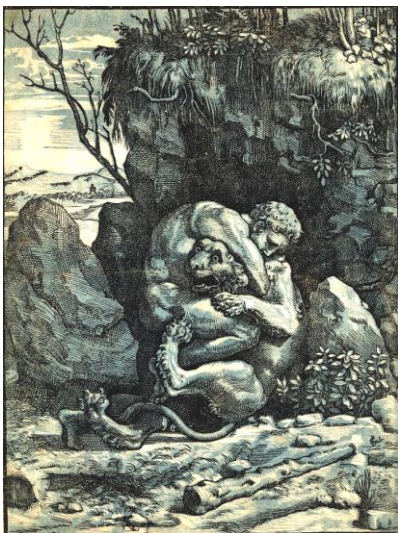
Ao vibrarmos juntos nesta Escola a finíssima qualidade do *Aham*, usufruímos todas as benesses que esse som oferece. O Evangelho segundo João começa com a frase: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus”. O que isso significa? Significa que o nome de Deus é Deus. Entoando o *Aham*, realizamos um ritual de grande efeito. Por isso, entre outras coisas, experimentamos uma sensação de bem-estar, de solidez e leveza ao mesmo tempo, diferentemente do que



*Cristo em Majestade - Igreja de São Clemente de Taüll - Espanha*

sentimos quando identificados com nosso eu ordinário, que é fragmentado, que vive na defesa ou na agressão, um eu fragilizado por não estar enraizado. A vibração do *Aham* nos enraíza, nos coloca em contato com o *Hara*, o nome dado ao centro energético que fica na região abaixo do umbigo, e onde se localiza nosso centro de gravidade. O contato com nosso centro de gravidade nos agracia com essas sensações de bem-estar, solidez e leveza.

Nossa natureza solar é Luz. Nesse sentido, somos filhos do Sol. Quando vibramos o *Aham* podemos entrar em contato com esse Eu solar, nossa verdadeira natureza. O astro Sol banha nosso planeta e se traduz em milhões de seres vivos, inclusive nós. Somos Sol traduzido em corpo humano, mas esquecemos disso. Muitas histórias antigas falam disso. A de Hércules, por



*Ugo da Carpi - Hércules lutando contra o leão de Neméia em frente de um afloramento rochoso -1520*

exemplo, na mitologia grega. Hércules é filho de Zeus (Luz) com uma mortal. Em sua saga de herói, ele deve cumprir muitas tarefas, que parecem impossíveis de serem realizadas, mas é sempre ajudado por Zeus, seu pai celeste. Quando morre, Hércules vira uma constelação, o que mostra que ele veio lá de cima, das estrelas. Cada homem, cada mulher neste mundo, é um Hércules. No relato do mito, ele morre queimado em sua pele. Conosco é assim também: uma

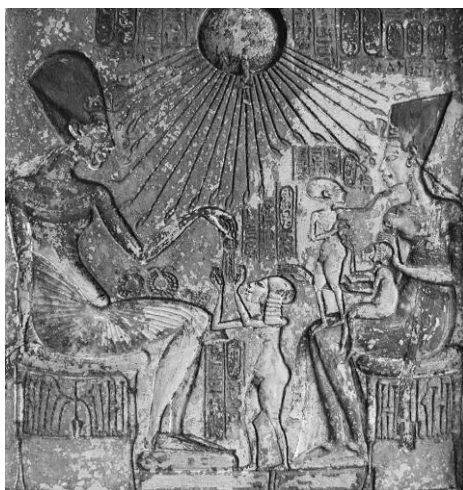
separação, por exemplo, ou uma perda dolorosa queima nossa pele. A vida está sempre nos apresentando situações que nos queimam. Temos, então, de nos lembrar dessa origem solar. Somos solares e podemos enfrentar as adversidades da vida de outra forma. Se estamos em contato com nossa natureza celeste, as situações se resolvem.

Ao entoarmos o *Aham*, estamos entoando o verdadeiro Amor, aquele que nos coloca em uníssono com tudo, fazendo-nos muitas vezes experimentar a Compaixão diante dos outros seres. Ele é exatamente o oposto do eu terrestre com que nos identificamos usualmente. Sendo conflituoso, fragmentado, contrário à união, o eu terrestre não é capaz de sentir compaixão. Viver a finíssima qualidade da vibração do *Aham* nos coloca num patamar em que podemos sentir o verdadeiro

Amor. A partir disso, nossos relacionamentos tornam-se mais fluidos.

Tudo na Terra se transforma em energia de Luz. Segundo o Ensino gurdjieffiano, tudo o que comemos se transforma em Si12, a energia mais fina que nosso organismo produz a partir do que comemos, do ar que respiramos e das impressões internas ou externas que nos chegam. A energia 12 é solar, pois tem a mesma finura da energia que constitui o nosso Sol. A Vida nos concede graciosamente a Energia Vital, que vai habitar nosso corpo por determinado tempo, e que vem do Sol. Se não fosse o Sol não haveria Vida na Terra. Para compreendermos isso, vamos esclarecer, através de um exemplo simples, como o Sol se transforma em alimentos. Examinemos, como exemplo, o ciclo de uma alface. O Sol, banhando a terra com sua luz, faz nascer a alface a partir de uma semente plantada na terra. Portanto a luz solar se transforma na alface que ingerimos. Em seguida, a alface é transformada novamente em Sol porque, dentro do nosso corpo, ela vira Si12, que é energia solar, uma vez que a energia 12 é solar. Fica assim explicado como tudo na Terra vem da Luz e se transforma em Luz.

A partir dessa constatação, a pergunta que fica é: Por que a Vida nos concede a maravilhosa Energia Vital?



*Estela que representa a família real.  
Museu Egípcio do Cairo.*

É muito importante que isto fique bem claro: não recebemos a Energia Vital apenas para cuidar da nossa sobrevivência. Essa energia nos é concedida para nos tornarmos conscientes do Divino que somos.

E como podemos nos tornar conscientes do Divino que somos? Há vários caminhos de trabalho interior que nos levam em direção ao Divino. Mas quando passo a seguir o Caminho do *Aham*, não sou eu que vou em direção ao Divino, é o *Aham* que me direciona. Isso difere o Caminho do *Aham* de muitos outros caminhos de trabalho interior. Quando invocamos o *Aham*, estamos invocando Deus e é ele que nos direciona, não fazemos nada, mesmo porque nós, humanos, podemos nos equivocar. O caminho do *Aham* é direto. Na medida em que entoamos, homenageamos e louvamos o *Aham*, ele começa a fazer o que tem de ser feito. Por isso, podemos dizer que é este o caminho do “Seja feita a vossa vontade”. Afinal, se foi Deus, o *Aham*, que nos criou, Ele vai cuidar de nós. Nosso eu terrestre não tem nada a fazer, o máximo que ele pode fazer é não atrapalhar. Trazemos a nossa Atenção para dentro de nós mesmos e a partir daí o *Aham* faz tudo.

Ao seguir o Caminho do *Aham*, nossa Escola avançou muito em compreensão. Compreendemos que não somos apenas um ser terrestre, apequenado por seus problemas diários, por sua luta pela sobrevivência. Somos seres divinos, luminosos, capazes de nos expandir para muito além deste planeta, capazes de experimentar, nesta vida, a amplidão do espaço infinito. Os que vivenciam essa via do Conhecimento sentem o gosto da Felicidade, diante da qual, os prazeres do mundo provam sua fragilidade, apagando-se no mesmo instante.

